

Revista Veiga +: Tecnologia em Shows Musicais

### **A vida por trás dos bastidores de um show**

Preparativos para fazer espetáculos chamativos aos olhos de todos

Uma a uma, as luzes começam a se acender. Elas surgem dos diversos holofotes e refletores espalhados pelo palco. Em seguida, os primeiros acordes entram em sintonia com os efeitos luminosos, causando êxtase na plateia que assiste ao início do espetáculo. Esse palco é o sustento de uma série de equipamentos que desenvolvem a estrutura necessária para transformar o show em magia e despertar as mais diferentes emoções em cada um dos espectadores, enlouquecidos pela euforia que toma conta de todos. De repente, os telões passam a exibir o princípio do que promete ser a melhor apresentação que já se viu. Para os fãs, ela realmente será. Alegria, lágrimas de felicidade, coração palpitando. Sentimentos que revelam que os olhos não conseguem acreditar que estão diante da realização de um sonho. Mas, para alcançar o objetivo de suscitar cada sensação dessas, é preciso muito trabalho nos bastidores. Tudo deve estar em seu devido lugar e cautelosamente preparado para arrancar gritos e suspiros do público. A base para tal tarefa é a parte técnica de som e iluminação, um tanto complicada de ser entendida por quem não é do mundo da música. Mas nada que os detalhes não possam desvendar.

## Portfólio Valéria Castor

### Textos



A montagem de todas essas novidades trazidas pela tecnologia só foi possível nos últimos anos porque, antigamente, na época em que os Beatles se apresentavam, para ir a um show de rock admirar o som da banda, era preciso ter muito otimismo, já que a potência dos amplificadores era equivalente àquela presente nos sistemas de som caseiros e alto-falantes projetados para irradiar a narração de determinadas jogadas de eventos esportivos. Como esse equipamento era brando quem estava no palco necessitava se esforçar ao máximo para que fosse ouvido em meio a milhares de fãs que gritavam enlouquecidos por estarem diante de seus ídolos musicais. Esse público não era tão exigente quanto à qualidade do som e se importava mais em ter a possibilidade de ver aqueles que idolatravam.

Esse tipo de show pôde, com o passar do tempo, utilizar sofisticadas técnicas eletrônicas, oriundas de uma onda de tecnologia que invadiu o mundo musical. A união entre som pesado, iluminação de diversas cores e efeitos visuais passou a emanar uma energia contagiante aos ouvidos e olhos dos espectadores. Ao contrário das exibições praticamente inaudíveis dos Beatles, os espetáculos da rainha do Pop, Madonna, revelaram a todos uma maneira diferente e muito mais abrangente de expressar sentimentos por meio da música, sempre alicerçados em mega-produções. Computadores entram de forma fundamental para levar essas mudanças

## Portfólio Valéria Castor

### Textos

cruciais aos palcos, gerando, inclusive, microcomputadores capazes de dar comandos a teclados, que, sozinhos, fazem um show completo.

Caroline Arci, frequentadora assídua de apresentações como essas, que buscam ser verdadeiros espetáculos, conta o que chama a sua atenção nos palcos. Para ela, que tem um gosto musical diversificado que vai de música clássica a rock, o primeiro detalhe a ser visto é a banda. Em seguida, percebe se o equipamento está bom, se os músicos acompanham o ritmo corretamente e, claro, se interagem bem com o público. “Quando percebemos que o cantor e a banda estão realmente emocionados com o que estão transmitindo, quando é perceptível que a situação não é superficial, me agrada bastante”.

No Brasil, apenas quem tinha condições financeiras, por volta das décadas de 60 e 70, podia usufruir o avanço tecnológico que transformava shows pobres em qualidade de som em espetáculos inesquecíveis por suas produções detalhadamente perfeitas. Aramis Barros, integrante da banda Canibais e produtor musical, explica como era esse período inicial. “No final dos anos 60 e início dos 70, o melhor equipamento ainda era bem precário. Não havia as caixas de retorno para o artista se ouvir no palco e a variedade de marcas de instrumentos era bem limitada. O acesso a equipamentos e instrumentos importados também era muito difícil”, conta.

## Portfólio Valéria Castor

### Textos



Mesmo com tanta modificação, um princípio continuou igual, ainda depois da chegada dos adventos tecnológicos: o de jogar a música sobre o público. Para que isso ocorra, o som realizado pelos artistas passa de energia acústica a energia elétrica. Assim, ela é processada e amplificada, transformando-se mais uma vez em energia acústica. Esse é o princípio. Por isso, na montagem do projeto de instalação do equipamento usado na apresentação, o ponto inicial a ser observado pelo engenheiro de som é saber tudo sobre o local do show. A importância dessa análise está em não deixar que nada interfira na passagem do áudio entre a fonte sonora e o ouvido da plateia, pois altera a qualidade do som.

Outra fã de shows, Ana Carolina Ranquini, estudante de Psicologia da Universidade Veiga de Almeida, costuma assistir a exibições de bandas de rock, seu estilo musical favorito, e acredita que a apresentação deve transmitir o que os músicos sentem. “O importante é sentir a emoção que vem dos palcos e entender todos os significados que cercam isso”.

Ainda sobre o detalhamento que forma o show, há outro ponto que não é menos importante do que estudar a localidade em que vai ocorrer a apresentação musical, que é saber como é feita a estrutura que vai sustentar todo esse aparato voltado para que a exibição não seja fracasso. Essa estrutura é o palco, que deve ser montado cuidadosamente. Yuri Bandeira, músico e vendedor de instrumentos em uma loja da Tijuca, pensa em cada uma dessas minúcias quando faz um show com sua banda, na qual toca guitarra e canta. Ele explica como é a tal formação

## Portfólio Valéria Castor

### Textos

antes de receber os artistas e seus equipamentos. “O palco é formado por um tipo de alambrado de metal e, em seguida, por uma parte de madeira, que é vista já montada pelo público no momento do show”.

Da mesma maneira que o áudio recebe esses tratamentos, a iluminação também é cautelosamente preparada para cada apresentação, e pode variar de acordo com os diferentes estilos musicais. Tudo isso porque é ela que mostra a banda em foco a todos. É essencial que ande ao lado da música sempre pois, assim como pode dar o tom da emoção passada ao público, também pode atrapalhar o que os artistas querem transmitir, de modo a prejudicar a comunicação expressa ali. Sergio Cruz, produtor do cantor Lafayette, explica que o técnico dessa parte deve entender bem de cores básicas e da mistura entre elas. “É fundamental ter amplo conhecimento e prática na ‘afinação’ da luz para não correr o risco de fazer projeções de fachos sem ninguém. Ou seja, quando é o caso de haver luz individual”.

Ele ainda aponta outra característica essencial para um técnico em luz dar a magia ao show: criatividade para criar quadros de apresentação, variando conforme a canção. Por isso, para acertar cada detalhe, é necessário ter conhecimento musical, até por ter de contar o tempo das melodias. Se não souber isso, o operador pode entrar em momento errado com a luz. Sergio enumera mais alguns pontos a que esse tipo de profissional deve se ater. “Saber elaborar, desenhar e ler o plano de luz dado pelo produtor ou diretor do show. Conhecer de energia elétrica para poder lidar com o equipamento e projetar a carga elétrica necessária para uso do mesmo”, resume.

## Portfólio Valéria Castor

### Textos

Yuri Bandeira acredita que os efeitos visuais são tão fundamentais no show que, para ele, se não forem cuidadosamente observados e planejados, podem levar a apresentação ao fundo do poço. E acrescenta que, para a equipe fugir desse futuro ruim, tudo no palco deve caminhar em harmonia. “A iluminação é o destaque. Os efeitos especiais dela vêm da para mostrar o show da banda realmente. Na realidade, quando se vai a um show, o ideal é ver as três partes unidas: interpretação, música e dança. Por esse motivo, o técnico de iluminação expõe até a coreografia em bandas que possuem corpo de dança. Nesse sentido, os passos são acompanhados pela luz. É um trabalho em equipe”, diz.

Som, luz, efeitos especiais, qualidade e profissionalismo. Características apontadas como necessárias para o sucesso. É por isso que o trabalho nos bastidores é frenético e ninguém pode tropeçar, já que um deslize pode significar erros, muitas vezes, bem perceptíveis no palco. Todos os que atuam por trás do que é exibido precisam andar juntos, compreender ou, pelo menos, ter uma boa noção das partes que compõem essa magia construída diante de milhares de espectadores.

Quando cada detalhe fica pronto – equipamentos afinados, luzes de acordo e equipe técnica em sintonia para guiar os donos do show – a maior promessa é brilhar. É isso que todos querem atingir. E, com essa finalidade, arriscam explosões pirotécnicas, malabarismos inacreditáveis e tantas outras surpresas que fazem o público ir à loucura. Dessa forma, aos poucos, o delírio passa a reinar entre os amantes que aguardavam ansiosamente pelos ídolos. A harmonia dos efeitos e sons entra em ação e abre espaço para a banda ganhar o palco. Perfeição, enfim, alcançada. O show começa.

## **Os segredos que permitem os shows chamarem a atenção do público**

Como a equipe se prepara para fazer uma simples exibição virar uma magia inesquecível

Alguns detalhes técnicos são de grande importância na montagem de shows. Por exemplo, em ambiente com superfícies tidas como “vivas”, como vidros e cimento, o som rebate e vira inúmeros outros sons iguais, repetidos em instantes distintos. Ou seja, é a chamada reverberação. Já o encontro com superfícies “mortas” - como cortinas, estofamentos ou cortiças -, abafa o som. Então, durante o estudo sobre o local em que será preparado o projeto, o profissional da engenharia acústica precisa confiar em sua apurada observação auditiva e visual, além de contar também com um equipamento denominado spectrum analyser. Essa tecnologia produz um ruído conhecido como “pink noise” - isto é, ruído rosa – que lembra muito o barulho feito por uma turbina de avião, na frequência entre 20 e 20.000 hertz, a qual o ser humano consegue escutar.



Na faixa que vai de 20 a 200 hertz estão os sons graves, na que abrange 200 e 2.000 hertz encontram-se os sons médios e na que vai de 2.000 a 20.000 hertz há os agudos. Para obter o resultado a respeito dessa

## Portfólio Valéria Castor

### Textos

acústica, microfones ficam por toda parte para captar e informar o spectrum analyser em trinta bandas de frequência sobre a reação do ambiente conforme ao som emitido. O aparelho fica ligado a um computador, detectando respostas, como se o lugar absorve demais o áudio na frequência de 10.000 hertz, o que aumenta o volume. Ou se diminui, caso essa frequência reverbere em excesso. O objetivo dessas observações a fundo é alcançar o equilíbrio entre os sons graves, médios e agudos. Isto é a equalização dos áudios.

Mas outro ponto que não é menos importante do que estudar a localidade em que vai ocorrer a apresentação musical é saber como é feita a estrutura que vai sustentar todo esse aparato voltado para que a exibição não seja um fracasso. Essa estrutura é o palco, que deve ser montado cuidadosamente. Yuri Bandeira, músico e vendedor de instrumentos em uma loja do bairro carioca Tijuca, pensa em cada um desses detalhes quando faz um show com sua banda, na qual toca guitarra e canta. Ele explica como é a tal formação antes de receber os artistas e seus equipamentos. “O palco é formado de um tipo de alambrado de metal e, em seguida, por uma parte de madeira, que é vista já montada pelo público no momento do show”.

Quando o som sai de onde os músicos estão e segue para a plateia, a ação inicial é de captação. Vozes e instrumentos acústicos usam microfones para isso. Ao mesmo tempo, instrumentos como baixo elétrico ou teclados eletrônicos ficam ligados a uma mesa de som, comandada por um técnico. Dessa ligação direta, o sinal emitido vem elétrico do instrumento e passa por um transformador que recebe o nome de direct box. Então, vai para uma mesa de mixagem. Já no caso da voz e de outros instrumentos, a energia acústica deve ser passada a elétrica por intermédio do microfone.

## Portfólio Valéria Castor

### Textos



E, já que todo som é uma vibração de moléculas de ar na forma de ondas com frequências, a voz de quem canta entra no microfone e, nesse instante, sensibiliza um diafragma, que faz movimentos para frente e para trás. Ainda há o microfone dinâmico que dispõe de uma bobina presa a um campo magnético. Ela reage a cada vibração do diafragma ali presente, se movimentando também e produzindo sinais elétricos. Mesmo com tantas formas e estilos de aparelhos que moldam o áudio e ajudam o cantor a fazer sua voz sair do melhor modo para o público, Sergio Cruz, produtor musical do artista Lafayette – do antigo grupo Tremendões -, afirma que quem não tem talento não consegue se transformar em fenômeno da música. “Os recursos básicos, que são de equalização, controle de sub graves, graves, médios, agudos e super agudos, compressores e equalizadores, melhoram muito, além de fazer reverberação e eco. Mas, na verdade, o cara tem mesmo é que cantar”, aponta.



Do microfone e do direct box saem os sinais elétricos, que vão para a chamada mesa de PA, que em inglês se diz *public address*, ou seja, é o endereçamento ao público. Esse é o centro de pilotagem do som de qualquer apresentação musical. É justamente por esse mecanismo que passa tudo o que a plateia vai escutar. Em geral, as mesas de PA utilizadas em shows são constituídas por 48 canais, o que

## Portfólio Valéria Castor

### Textos

equivale à possibilidade de captar 48 fontes sonoras distintas para, então, serem mixadas. O processo de mixagem é a combinação do som de todos esses canais, com os respectivos volumes equilibrados pelo operador para gerar a canção, na qual os instrumentos sejam audíveis. Na realidade, quanto mais canais houver, maior será o controle com precisão de cada instrumento ou cada parte dele. Isso também ocorre com a voz do cantor, que, além de passar por essa mixagem, retorna para o próprio se escutar no palco.

“A voz do cantor também vai para a mesa de som e, depois, tem um retorno, que parte de quatro ou cinco caixas localizadas ao redor dele”, explica o músico Yuri Bandeira. Mas, como não é só o cantor que conta com esse retorno de palco, ele completa o raciocínio dando ainda o exemplo do que acontece com um dos integrantes da banda - o guitarrista – durante o show. “Normalmente, ele leva a sua própria caixa de som. Mas, pode ser que no local já tenha. E a função dela é como a de um amplificador para o músico”, detalha.

Assim que os sinais elétricos transformados chegam à mesa de PA, entram, primeiramente, em um limitador de frequência. O operador, então, escolhe, confiando em seu ouvido, em qual frequência os áudios soam melhor. Nesse instante, passam para as bandas de equalização, nas quais toda fonte sonora receberá o equilíbrio entre cada um dos seus tons. Os sons que vêm do palco vão para o subgrupo de dezesseis canais de saída, que, depois, serão mais uma vez agrupados em oito canais estéreos de saída. Essa subdivisão gradativa dos canais tem duas funções: facilitar o trabalho do operador da mesa durante um show, pois ele se perderia caso tivesse que mexer com 48 canais simultaneamente, e servir de entrada para os efeitos especiais.

## Portfólio Valéria Castor

### Textos

Isso é uma parte da montagem dos equipamentos necessários para um show de sucesso. Para Nelson Cardoso, editor-chefe de uma revista especializada nesse tema, a Backstage, a tecnologia está por toda a parte desse processo. “Na última década houve várias mudanças radicais na produção de um show, principalmente no que se refere ao reforço sonoro (PA). A entrada do processamento digital nos consoles de mixagem mudou toda a forma de se pensar e agir em um show ao vivo e sem o uso do ‘play back’. Uma outra mudança significativa na qualidade do áudio nos shows foi a redescoberta dos sistemas de line array”, acrescenta. Esse último advento apontado por Nelson foi visto por cinco empresas brasileiras do ramo de apresentações como uma opção econômica e prática para o momento da montagem. Empresários afirmam, inclusive, que a qualidade do material nacional, se comparado com marcas importadas, apresenta o diferencial de dar a assistência técnica do próprio país. “Hoje estes sistemas possuem uma tecnologia, principalmente nos guias de onda, que não existia no século passado”, conclui Nelson.

Mesmo diante de tantos segredos para melhorar a qualidade da voz e do som dos instrumentos voltados para agradar o público, o editor-chefe da Backstage acredita que aqueles que nascem com o dom da música não serão desvalorizados em detrimento das transformações possíveis de serem feitas graças à tecnologia. “Este não é o futuro porque o verdadeiro talento continua a ser o grande diferencial. O processamento da voz a torna pasteurizada e igual. Todos terão o timbre da ‘pata rouca’”, opina.

Da mesma forma que Nelson, o músico e produtor musical Aramis Barros também expõe o seu ponto de vista a respeito da possibilidade de a tecnologia vencer ou banalizar o talento nato.

## Portfólio Valéria Castor

### Textos

“O objetivo é e sempre foi evoluir no sentido de melhorar a performance tanto nas gravações como em shows. O ruim é quando se coloca estas ferramentas como prioridade em detrimento da emoção que o artista deve passar”, coloca.



Ainda sobre a montagem do aparato dos músicos, a partir do chamado “rack de efeitos especiais”, o sinal da voz ou do instrumento vai para um dos oito canais de saída de efeitos e depois para os aparelhos do rack. Quando processado, ele volta à mesa por um canal de retorno de efeitos e segue para o subgrupo dos dezesseis canais, nesse momento, com o efeito misturado aos sons originais. A técnica do rack criou a reverberação, que é uma espécie de eco provocado no som. Isso pode ser agregado à voz do cantor ou tornar o som de uma guitarra mais presente em um local que abafe muito o áudio. Outro procedimento semelhante é o efeito *flanging*, que consiste em um tipo de reverberação ocorrida pela variação da velocidade do sinal. Também há o compressor, aparelho regulador automático de volume em trechos pré-determinados. Essa tecnologia permite ao cantor gritar porque o som não sai distorcido de modo algum, já que há um programa previamente trabalhado, o que determina o limite do volume necessário.

Esses cuidados são referentes a uma parte do que monta a exibição. Mas, tão importante quanto o tratamento que se dá ao áudio produzido no palco, é a iluminação dada a cada apresentação, de acordo com o seu estilo. É ela que mostra a banda em foco a todos. Deve andar ao lado da música sempre porque pode dar o tom da emoção passada ao público ou pode

## Portfólio Valéria Castor

### Textos

atrapalhar os significados que os músicos querem transmitir. Isso prejudicaria a comunicação expressa ali. Sergio Cruz, produtor do cantor Lafayette, explica que o técnico dessa parte deve entender bem de cores básicas e da mistura entre elas. Além disso, é preciso que ele saiba das qualidades de filtros – espécies de gelatina – coloridos para pôr nos refletores, conforme os ambientes gerados pelas canções e os tipos de artistas. Também é importante programar o console de controle desses refletores e dos mooveis (refletores robotizados).

Depois de tudo programado, aquilo que foi estabelecido nos estudos iniciais para preparar o show toma forma. É possível entender, então, que uma exibição musical vai além da energia que sai dos artistas e atinge o público. Ou seja, é uma junção de muito suor e dedicação.

**Por Valéria Castor**

<http://meustextosfaculdade.blogspot.com/>

Jornalista política leva conhecimentos sobre a área para alunos da UVA

*Por Valéria Castor - 8º período de Jornalismo*

## Portfólio Valéria Castor

### Textos

A turma de Jornalismo da Universidade Veiga de Almeida acompanhou mais um módulo de mini-palestras nas duas últimas segundas, dias 27 de setembro e 4 de outubro. Dessa vez, os alunos conheceram o cotidiano de um jornalista político por meio das experiências da convidada Cleide Luciane Antoniutti. Ela, que é mestre em Sociologia Política (UFRJ), especialista em Marketing Político (Fesp) e jornalista (UEPG) ressaltou que segue a profissão de comunicação há 15 anos e já dá aulas há 11 em graduações e há 7 anos em cursos de pós-graduação.



Oriunda de Curitiba, a jornalista e professora analisa o mercado político como um campo amplo para quem trabalha com informação. O importante, segundo ela, é não criar ambientes ruins em partidos diversos, ou seja, procurar se manter ético com todos porque são diferentes opções e não seria interessante afastar nenhuma. A convidada já conheceu o ambiente de rádio, televisão e impressos, além de já ter trabalhado com análise de imagens para o governo paranaense e como assessora de imprensa de um deputado do PSDB - com o qual atuou por 6 anos e meio. Ela frisa que a passagem por outros veículos, nomeadamente o rádio, foi fundamental para a carreira. "No rádio, ganhei faro jornalístico", afirma.

## Portfólio Valéria Castor

### Textos

Tudo isso começou no interior do Paraná, mais especificamente em Ponta Grossa, onde aprendeu muito sobre como fotografar, fazer pautas, enfim, todos os detalhes que compõem uma pauta. Na área de televisão, esteve na RBS, do Rio Grande do Sul. Cleide aponta que, no interior, vivenciou a política e, assim, passou a assessora na Câmara dos Vereadores de Venceslau Brás, outra pequena cidade de seu estado. Lá, conta que a sociedade tinha dificuldade de encará-la sem discriminação. "Sofri com preconceito por ser jornalista política e estar sozinha no Paraná", lembra ressaltando que, em lugares menores, não existe neutralidade - ou se está de um lado da política ou de outro.

Aos poucos, foi galgando até que foi trabalhar ao lado do senador Osmar Dias por mérito próprio, ou como ela mesma disse, "sem indicação". Além dele, também esteve com o filho de Osmar, Álvaro Dias, quando este representou o estado no senado. Hoje, à frente da utilização das redes sociais como ferramentas para o jornalismo político e após anos de proximidade com o mundo da política, a sua percepção é de que o povo brasileiro prioriza a imagem do candidato quando escolhe em quem votar. E sobre a chegada das novas tecnologias, a professora e jornalista Cleide tem sua opinião formada. "A Internet democratizou a política, pois aproximou o candidato dos eleitores. Trouxe instantaneidade. Essa é a diferença da campanha eleitoral de 2010 para as anteriores", analisa.

No segundo encontro com os universitários, no dia 4 de outubro, houve uma reflexão sobre as eleições que ocorreram no dia anterior, com a observação das porcentagens de votos ganhos por cada candidato concorrente aos cargos, em especial, ao cargo de presidente da república. Além disso, Cleide preparou um material em *power point* para esclarecer melhor os conceitos

## Portfólio Valéria Castor

### Textos

a respeito do tema Comunicação Política, que, de acordo com a convidada, está sempre em movimento. Isso porque a sua aplicação é fundamental antes, durante e depois do período eleitoral.

Entre as informações que um profissional dessa área divulga estão os gostos e os afazeres de um determinado político. Porém, no ambiente virtual, esse tipo de comunicação não alcançou êxito. E, por conta disso, os profissionais não se prepararam para esse ramo do mercado digital. Apenas no Twitter esse serviço foi positivo porque foi uma forma de aproximar os candidatos do povo.

**Por Valéria Castor**

<http://meustextosfaculdade.blogspot.com/>

Palestra Conscientização Vocal

**Palestra conscientiza sobre a saúde vocal dos professores na  
UVA**

## Portfólio Valéria Castor

### Textos



Prof. Dr. Sávio durante a palestra "Conscientização Vocal"

No último dia 26 de novembro, os alunos e docentes da Universidade Veiga de Almeida (UVA), graças a uma iniciativa que uniu os cursos de Fonoaudiologia e de Comunicação Social dessa instituição, tiveram a oportunidade de conhecer melhor um dos instrumentos de trabalho mais usados pelos mestres: a voz. Em uma palestra ministrada pelo professor Dr. Domingos Sávio Oliveira, os conceitos e as questões que envolvem a conscientização vocal desse tipo de profissional foram esclarecidos.

Entre esses pontos abordados durante o evento, o palestrante ressaltou, por exemplo, que a alimentação balanceada é muito importante para quem dá várias aulas em um mesmo dia. Isso porque, como o próprio especialista explicou, não é saudável que alguém se dedique a tantas horas de trabalho sem sequer se alimentar adequadamente.

## Portfólio Valéria Castor

### Textos

Além disso, Domingos apontou que um dos vilões da saúde vocal é o grito, pois é altamente prejudicial às cordas vocais, uma vez que estas são bastante frágeis. Outro aspecto ruim para quem não pode descuidar das condições do aparelho vocal, como é o caso dos professores, é a permanência em ambientes com pouca umidade ou com mofo.

Para evitar esses e outros problemas, os mestres, antes de darem suas aulas, devem se preparar para enfrentar horas de explicações, principalmente, quando estas vêm acompanhadas de broncas. Por causa disso, o aquecimento vocal é de extrema necessidade. “Isso dá conforto à voz e facilita a comunicação, já que o esforço para falar, conseqüentemente, será menor porque a voz sairá de forma mais natural”, afirmou Domingos.

Ainda sobre a manutenção da saúde vocal entre docentes, o palestrante evidenciou também que seria prudente que esses profissionais fizessem avaliações periódicas, pelo menos, uma vez ao ano. Ou seja, ter acompanhamento de especialistas, como um fonoaudiólogo e um otorrino, é essencial para quem quer se manter saudável nas salas de aula.

Há outros detalhes que também merecem atenção de quem usa muito a voz de forma no ambiente de trabalho. É o caso de algumas manias da linguagem verbal, que podem ser agressivas para a garganta, como, por exemplo, o timbre exagerado - algo que, normalmente, se torna um hábito e não é corrigido. “Quem

## Portfólio Valéria Castor

### Textos

está acostumado a falar alto demais, dificilmente mudará”, salientou o professor.

### Por Valéria Castor

<http://meustextosfaculdade.blogspot.com/>

### DICAS DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

#### ***Sacolas retornáveis podem substituir as plásticas de vez***

Por Valéria Castor

A substituição das sacolas plásticas pelas retornáveis é o tema da coluna Dicas dessa semana. O entrevistado é o coordenador do **MBA em Planejamento e Gestão Ambiental** da Universidade Veiga de Almeida, Cezar Pires. Segundo ele todos têm de tomar consciência e colocar essa mudança em prática na sua rotina.

#### **Informativo Veiga Online - Como tornar a substituição das sacolas plásticas pelas retornáveis uma realidade?**

**Pires** - A palavra é Educação Ambiental. Este é o grande instrumento de conscientização para que possamos levar nossas próprias bolsas para as compras ao invés de consumirmos as tais das sacolas plásticas que trazem, como sabemos, problemas ambientais, pois levam até 300 anos para se decompor na natureza.

#### **Informativo Veiga Online - Quais medidas são tomadas para estimular o uso das sacolas retornáveis?**

## Portfólio Valéria Castor

### Textos

**Pires** - Além da conscientização, o poder público poderia simplesmente proibi-las. Não gosto desse caminho que pode levar a transgressão, isto é, uma lei nesse sentido de proibição poderia não ser entendida e aceita e assim seria burlada. Conhecemos bem o que acontece quando uma lei não “pega” no Brasil.

Outra alternativa, que gosto mais, é usar o instrumento econômico. Isto é, de alguma forma taxar as sacolas plásticas. Por exemplo, hoje o custo ambiental de usar essas sacolas não é levado em consideração no preço final delas. Se isto for considerado, certamente o preço dessas sacolas subiria e iria obrigar o mercado a cobrar por ela. Como acontece na Irlanda desde 2002, onde se paga por elas e o dinheiro arrecadado é revertido em projetos ambientais. É importante perceber que esta alternativa não exclui a conscientização ambiental já citada.

**Informativo Veiga Online - Em alguns países, como a China, a pessoa que preferir usar o saco plástico nos supermercados precisa pagar por essa ação. Isso acaba sendo um estímulo para o consumidor preferir as retornáveis.**

**Pires** - Sem dúvida, o instrumento econômico que pode ser de taxaço, como dito, mas que também pode ser de subsídios e incentivos para caminhos ambientalmente corretos, é um instrumento poderoso e deve ser usado em paralelo a outros instrumentos ligados à educação.

Existem também as alternativas tecnológicas como as sacolas de pano, papel ou ainda de plástico oxibiodegradáveis. Esta última, apresenta tempo de degradação até 100 vezes menor, levando apenas três anos para se decompor. Alguns supermercados, visando associar suas imagens ao meio ambiente, aderiram às

Textos

sacolas oxibiodegradáveis por conta própria no Brasil.

**Informativo Veiga Online - Existe algum programa parecido no Rio de Janeiro?**

**Pires** - Existem projetos de leis estaduais para substituir as sacolas de plástico pelas oxibiodegradáveis que tramitam no Rio Grande do Sul, no Paraná e no Rio de Janeiro. Em São Paulo, a Assembléia Legislativa chegou a aprovar um projeto que tornaria obrigatório o uso dos oxibiodegradáveis.

**Informativo Veiga Online - O senhor acha que o fato das sacolas retornáveis ainda estarem com alto custo no Rio pode afastar o cidadão desse novo hábito?**

**Pires** - Sim, claro. Em nossa sociedade o aspecto econômico é com certeza um dos mais importantes. Porém, se as sacolas tradicionais espelharem os custos ambientais que elas têm em seu preço final, esta diferença entre elas e as oxibiodegradáveis no que diz respeito ao preço final, pode acabar.

**Informativo Veiga Online - Qual é o motivo para essa medida ainda não ter entrado de vez no cotidiano do carioca?**

**Pires** - Quando surgiram, no fim da década de 1950, as sacolas de plástico eram motivo de orgulho das redes de supermercados e símbolo de status entre as donas de casa.

Creio que além do motivo econômico já citado, o cultural também deve ser considerado. São muitos anos usando-as e mudanças culturais, às vezes, requerem um certo tempo para ocorrerem.

*Entrevista feita por Valéria Castor*

Textos

<http://meustextosfaculdade.blogspot.com>

DICAS DE COMO LIDAR COM PROBLEMA DO LIXO

### ***As consequências do lixo para a saúde da população***



Você já prestou atenção no que faz com o lixo da sua casa? E depois que é levado pelo caminhão de lixo, você sabe para onde ele vai e de que forma afeta sua saúde? O professor David Zee, coordenador do **Mestrado Profissional em Meio Ambiente** da Universidade Veiga de Almeida, esclarece os danos à população que podem ser gerados pela má gestão dos dejetos lançados em aterros e lixões. Além de dar algumas dicas aos leitores sobre o assunto.

#### **1) Quais os males que o lixo traz à saúde do povo?**

Os impactos do lixo na saúde pública dependem, primeiramente, da sua origem. Naturalmente quanto à qualidade, o lixo hospitalar e o químico que apesar de serem específicos são extremamente perigosos e devem ser dispostos de forma

Textos

cuidadosa. A seguir, o lixo doméstico e industrial que são também uma ameaça, principalmente pela quantidade e pelo modo difuso que são despejados ao meio ambiente.

**2) Como tornar os lixões menos nocivos ao meio ambiente e, conseqüentemente, à vida das pessoas?**

Primeiramente é preciso saber que a gestão do lixo deve ter três fatores:

À coleta, ao tratamento do resíduo em função da sua origem e à disposição adequada em aterros sanitários controlados. Desta forma os lixões não deveriam ser locais de depósito de resíduos. Estes locais devem ser escolhidos com cuidados definidos quanto ao encapsulamento dos aterros, tratamento do *chorume* (líquido segregado do lixo), e posterior recomposição ambiental do aterro.

**3) O que é feito hoje, no Rio de Janeiro, para resolver essa questão?**

O Rio de Janeiro conseguiu avançar neste quesito com o projeto do novo aterro sanitário de Seropédica que, nos próximos anos, vai substituir o lixão de Gramacho, em Caxias. Este vai receber o lixo de alguns dos municípios mais populosos do Grande Rio.

**4) Como a sociedade deve se posicionar para fiscalizar as autoridades?**

A cobrança da sociedade dos seus governantes deve ser na obtenção de avanços ainda maiores, como uma maior cobertura dos recolhimentos principalmente nas comunidades de baixa renda, implementação efetiva da coleta seletiva nos bairros de classe média e alta, incentivos a cooperativas de catadores,

## Portfólio Valéria Castor

### Textos

investimentos em mais aterros sanitários, além de programas de educação ambiental e divulgação maciça dos equipamentos urbanos de coleta e limpeza para um maior uso por parte da sociedade.

Entrevista feita por *Valéria Castor*

<http://meustextosfaculdade.blogspot.com>

Jornalismo Esportivo e a integração com as mídias sociais

Por Valéria Castor :: 7º período de Jornalismo

A palestra “Jornalismo Esportivo e a integração com as mídias sociais”, de 30 de abril, foi mais uma das programações da 6ª Secom. Esportes e mídias sociais foi o tema de palestra no último dia do evento Semana de Comunicação (Secom) da Universidade Veiga de Almeida. O assunto foi ministrado por Cristina Dissat, jornalista do blog “Fim de Jogo”. A abordagem da especialista foi sobre o uso das redes digitais – como Facebook, Twitter e Videolog – nas coberturas de eventos dos esportes que ocorrem em torno da região do Maracanã. Tudo que se relaciona aos jogos desde a movimentação de torcedores nos arredores do estádio até dados estatísticos de cada partida é focado nas reportagens da convidada.

## Portfólio Valéria Castor

### Textos

O blog nasceu em 2004 e, com o passar do tempo, Cristina introduziu novas ferramentas tecnológicas que dessem respaldo às informações veiculadas na página da Web. No começo, ela noticiava, principalmente, brigas envolvendo torcedores. Por isso, até a escolha do título “Fim de jogo” surgiu quando, no final de um clássico entre Flamengo e Fluminense, ela reparou que o momento em que mais ocorriam os enfiamentos das torcidas eram nos termos dos jogos. Até esse instante, o objetivo inicial de fazer denúncias passou a ser o de prestar de serviços ao público interessado em cada detalhe das partidas – como, bilheteria, lances futebolísticos, acontecimentos marcantes nas partidas.

E para dar cada vez mais visibilidade profissional à página eletrônica, a palestrante se baseia na seriedade, sendo honesta e mantendo a ética a respeito de tudo o que realiza. Além disso, o interesse pessoal em querer entender bem de novidades digitais para dar mais agilidade e independência ao trabalho feito no Maracanã é importante porque melhora o desempenho e gera relevância diante dos concorrentes e do público. É uma forma de se renovar profissionalmente. Na apresentação de slides que usou na palestra, ela destacou, nesse contexto, algumas recomendações: atenção no que se escreve, releitura dos textos para não divulgar equívocos, pesquisas apuradas e o tratamento de conteúdos exclusivos.

Depois que conquistou espaço entre os veículos de comunicação, conseguindo, inclusive, credenciamentos para trabalhar nas partidas, ela evidenciou outro ponto para continuar crescendo, que é o de sempre se manter em destaque. “Estar presente te reforça”, apontou. Participar de eventos que abordem os assuntos sobre o objetivo do blog, demonstrar interesse em

## Portfólio Valéria Castor

### Textos

produzir um trabalho sério e capaz, se expor para o mercado e para a concorrência a fim de que se tornem mais conhecidos.

Todos esses detalhes ajudam a dar visibilidade e credibilidade ao “Fim de Jogo”. Cristina, que atua ao lado do fotógrafo Celso Pupo e do webdesign Eduardo Frick, salientou que isso deve ser feito tanto nas redes sociais on-line quanto nas off-line. Ou seja, é importante se colocar disponível para o trabalho no meio digital entre os internautas, mas também é fundamental acompanhar os acontecimentos relacionados ao tema principal do blog.

Hoje, segundo dados apresentados pela convidada, o reconhecimento do “Fim de Jogo” tem alcançado resultados positivos. Por exemplo, no twitter já são 2.120 seguidores e 12.287 publicações; no Videolog – site em que divulga os vídeos feitos com os materiais coletados em cada cobertura – constam 79 vídeos; existem 711 fotos dos jogos noticiados na rede e 47 vídeos enviados para a Web ao vivo. Um dos diferenciais que a tornaram tão próxima dos torcedores usuários da rede foi o fato de que, realmente, procura interagir com os seus seguidores, respondendo a comentários e mensagens que digitais que são enviados pelas mídias sociais on-line.

Esse foi o último dia da 6ª Secom. Desde a segunda-feira, dia 26 de abril, a Universidade Veiga de Almeida realizou mostras, palestras, debates e disponibilizou oficinas para os estudantes da graduação de Comunicação Social interessados em saber um pouco a respeito do cotidiano daqueles que já atuam no mercado. A participação ativa dos alunos demonstrou a interatividade que eventos como esse trazem para o ambiente universitário.

## Portfólio Valéria Castor

### Textos

Por *Valéria Castor*

<http://meustextosfaculdade.blogspot.com>